

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.611

Quarta-feira, 27 de Fevereiro de 1924

PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada de Cembre, 38-A, 2.º e Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 111 e 113

Terminou ontem  
a greve dos marítimos  
de Cezimbra

## A CARESTIA DA VIDA

### O primeiro rugido do leão

O povo terá que sacudir a juba e preparar o salto defensivo se não quere ser a vítima dos caçadores

Como resposta à grandiosa manifestação popular de sexta-feira passada, os especuladores, os financeiros, os comerciantes, os cambareadores e os parasitas de igual jaez, parecem, que redobram nos seus ataques criminosos, preparando o ambiente para um acto de revolta legítima do povo consumidor.

A vida agravou-se consideravelmente. Os especuladores não desarmam. Os géneros alimentícios subiram de preço, mas os salários mantêm-se estacionários, provocando necessariamente um agravamento da situação. As dificuldades aumentaram nos lares proletários. A paciência esgota-se e não será para admirar se se esboçarem alguns conflitos — que podem tornar-se sangrentos — contra os responsáveis da situação que se atravessa.

A fome é a má conselheira... Depois não será fácil distinguir o grão do joio, os inocentes dos culpados, os justos dos perversos, as vítimas dos criminosos. A irreverência predominará nos espíritos, não se podendo vaticinar o que sucederá. A população tem o legítimo direito de procurar os seus meios de defesa. Abusou-se criminosamente da sua passividade, tornou-se do seu sofrimento, e agora poderá justificar todos os seus actos de vingança.

É a própria imprensa burguesa, a parte de variadas nuances políticas, a antever o desencadear da tempestade, pela forma como apreensão o protesto do povo junto dos governantes e do parlamento, o que é bem significativo. Recordámos dela os períodos que abaixo transcrevemos:

De O Mundo:  
«Chegou a hora decisiva. Entre o povo há já muita gente que começa a perder a paciência e que se mostra insatisfeito. Mais algum tempo e crescerá o número dos que já não suportam esta situação. O que será o dia de amanhã? Ninguém o sabe, se os dirigentes da nossa vida pública cruzarem os braços e pretenderem assistir impassíveis ao desenrolar da tragédia. Mas se, com a consciência do perigo que ameaça a todos, se colocarem abertamente ao lado do maior número contra as minorias exploradoras, a situação certamente se desanuviará e voltará o necessário equilíbrio económico, que foi quebrado principalmente pela ganância e pela especulação.»

De A Imprensa Nova:  
«Mas o que levou algumas das condições sociais e políticas, a converterem-se para o Terceiro do Paço e de lá para as portas do parlamento foi um impulso comum, superior a quaisquer rivalidades partidárias. O instinto de defesa de todos os consumidores, agulhados por necessidades tremendas e que tem olhado passivamente para o aumento ilicito de fortunas desmedidas, à custa da miséria do povo e da inércia dos governos, foi o braço supremo que juntou no mesmo braço o homem de «blouse» com o chefe de família da classe média.»

O Debate conclui assim:  
«Toda essa gente reclama legítima a vida mais barata para poder viver. A resposta às suas reclamações não pode consistir em uma vaga promessa. Tem de corresponder a um resultado prático, eficaz, urgente, sem delongas que se sinta verdadeiramente fazer coisas em benefício colectivo. Quando o povo realiza qualquer manifestação de impotência e do carácter de sexta-feira, não o faz por um desejo e o que procura conquistar. Bom será que todos os especuladores de alto e baixo coturno, desde os que exploram com muitos milhares de contos até aos que enriquecem a vender géneros indispensáveis diariamente no lar doméstico, tomem boa conta do que se passa e vão caminhando de encontro aos acontecimentos, antes que os acontecimentos se disponham a seguir brutalmente de encontro a eles.»

De A Capital:  
«Todo o pensamento do interesse particular, de paixão sectária, passa para um plano secundário em face desta reclamação essencial que corresponde a uma questão, sem dúvida, suprema. Não se pode viver, e para nós, os mais sacrificados são porventura os que ficarão em casa, como esses pobres chefes de família, muitos deles velhos, gastos, exaustos, como essas mulheres...

...donas de casa que não sabem o que fazer à sua vida, e sofrem, e de finham em silêncio, retraidamente, humildemente, obscuramente. «Não é só este governo; muitos governos se tem sucedido no Terceiro do Paço que não tem hesitado em dizer que somos vítimas de uma especulação criminosa. Esses governos nada tem feito para punir esses criminosos e fazer a repetição dos crimes. O Parlamento, por sua vez, tem denunciado essa mesma situação. E o Parlamento não tem feito nada no sentido da salvação pública.

«Mas o mal existe e é um desses males que pode estancar a vida em todo o organismo nacional, se não for atacado enquanto é tempo. Acabe-se ou atenuem-se o mal possível a carência da vida! Essa é a causa a que é preciso, sobretudo, atender; o mal são efeitos dessa causa, que se presta, como todas as causas profundas dos sofrimentos populares, à explosão de muitas paixões que essencialmente não tem com elas relação.»

De A República assinado pelo sr. Ribeiro de Carvalho:  
«Nós entendemos, pela parte que nos toca, que tudo isto vai mal. Que tudo isto precisa de pronto remédio. Que, se não queremos ir todos para o fundo como os macacos, de mãos na cabeça, temos de reagir, temos de encetar vida nova, temos de fazer frente à avalanche destruidora que se aproxima. Há criminosos no comércio? Castiguem-se.

Há criminosos na finança? Punam-se. Há aventureiros na política? Cadêcia com eles! Mas A Montanha, do Pôrto, é mais conclusiva:

«É o primeiro rugido do leão sofrido e pacífico. Ali dos criminosos causadores de tantas desgraças, se o leão sacode a juba e se ergue na ferocidade indomável em impetuosos implacáveis de justiça! O aviso de sexta-feira passada deve ter causado já calafrios a todos os infames que enriquecem com a fome, miséria e desgraça dos que trabalham pesadamente na vida. Conjuguem esse brado das Juntas com a atitude do funcionalismo e digam-nos se não vêm nessas atitudes os prenúncios de alguma coisa grave. Pão negro a \$80, batatas a \$80, arroz a \$80, bacalhau a \$250, azeite a \$600, um metro de pano, de tecido ordinário, a \$700! Não é necessário citar mais. Esses números, na sua singela eloquência, dizem de muitas tragédias, representam padrões de morte que aterrorizam e criam desesperos. Que o rugido de sexta-feira, o primeiro rugido, seja o aviso providencial que faça renascer a consciência aos bandidos.»

Os exploradores nossos amigos  
O ministro da Agricultura nomeia lobos para proteger cordeiros... Recebemos a seguinte carta, que dispensa comentários:  
Camarada redactor: Acabo de ver na imprensa o seguinte:  
«O sr. ministro da Agricultura assinou ontem e enviou para o Diário do Governo a seguinte portaria:  
Considerando que se manifestem as classes directamente interessadas sobre a momentosa questão do encarecimento da vida e que entre si concertem, pelos seus representantes autorizados, a apresentação de quaisquer propostas que num são critério e alto espírito de sacrifício as mesmas classes julguem oportuns;  
Manda o governo da república portuguesa pelo ministro da Agricultura, que para o efeito seja constituída a comissão seguinte, cujos vogais escolhe entre si presidente e secretário:  
Pela agricultura, dr. Joaquim Nunes Mexia; pelo comércio, M. José Amalal; pela indústria, José Maria Alves; pela Câmara Municipal de Lisboa, dr. Eduardo Alberto de Sousa; pelas cooperativas de consumo, dr. Francisco Paula Reis Santos; pelas Juntas de freguesia, pelo Comissariado geral dos abastecimentos, major José Augusto Sá da Costa.»

Lê-se, pasma-se e quasi se não acredita: Que autoridade, que moralidade, que independência, que são critério, que alto espírito de sacrifício, que confiança poderão merecer ao povo os indivíduos citados ou as classes detentoras que elas representam? Joaquim Nunes Mexia, grande agricultor, detentor de trigo, explorador máximo dos trabalhadores de campo, director do Banco Nacional Agrícola, que em 360 dias realiza 2330 contos de lucros em «operações» desconhecidas, pois as que se conhecem foram ruinosas. M. José Amalal, grande «força viva» do alto comércio autor da nossa desgraçada situação, José Maria Alves, outro grande força viva explorador directo da classe metalúrgica, Lima Barco «força viva» mais pequeno, dependente da alta finança; actual presidente do fado município de Lisboa, Alfredo Guisado, do mesmo município...

De A Capital:  
«Todo o pensamento do interesse particular, de paixão sectária, passa para um plano secundário em face desta reclamação essencial que corresponde a uma questão, sem dúvida, suprema. Não se pode viver, e para nós, os mais sacrificados são porventura os que ficarão em casa, como esses pobres chefes de família, muitos deles velhos, gastos, exaustos, como essas mulheres...

...donas de casa que não sabem o que fazer à sua vida, e sofrem, e de finham em silêncio, retraidamente, humildemente, obscuramente. «Não é só este governo; muitos governos se tem sucedido no Terceiro do Paço que não tem hesitado em dizer que somos vítimas de uma especulação criminosa. Esses governos nada tem feito para punir esses criminosos e fazer a repetição dos crimes. O Parlamento, por sua vez, tem denunciado essa mesma situação. E o Parlamento não tem feito nada no sentido da salvação pública.

...donas de casa que não sabem o que fazer à sua vida, e sofrem, e de finham em silêncio, retraidamente, humildemente, obscuramente. «Não é só este governo; muitos governos se tem sucedido no Terceiro do Paço que não tem hesitado em dizer que somos vítimas de uma especulação criminosa. Esses governos nada tem feito para punir esses criminosos e fazer a repetição dos crimes. O Parlamento, por sua vez, tem denunciado essa mesma situação. E o Parlamento não tem feito nada no sentido da salvação pública.

## NOTAS & COMENTÁRIOS

### Ministro-sopreira

Há no parlamento umas figuras bizarras e tristes que são os chamados deputados independentes. A independência destes deputados que é uma das inumeráveis e hipócritas mentiras da política, consiste no motivo deles não estarem filiados em nenhum partido. Estes deputados estão sempre aptos a serem ministros, incluídos em qualquer programa governamental, seja ele democrático, nacionalista, ou cúmplice de qualquer destes partidos. Os independentes são pois as sopreiras para todo o serviço, isto é, para todos os elementos ministeriais!

O sr. Nuno Simões que é um desses deputados independentes abichou «gozando» a pasta do Comércio. O novo ministro do Comércio, é pois, uma sopreira com largo cadastro político.

### A famosa compressão!

Demitiu-se o ministro da Guerra por recusar a sua sanção à nomeação escandalosa dum chuveiro de sargentos para oficiais. O governo sacrificou o ministro que se refugiara na compressão de despesas, para nomear os sargentos. A compressão de despesas no ministério da Guerra é uma monstruosa falsidade enquanto no ministério da Instrução se converteu numa dura realidade. O ministério da Instrução, cultiva o analfabetismo, para permitir que o da Guerra faça explodir no orçamento uma ninhada aguerriada e inútil de oficiais.

### Sensaboria anual

O momento melhor para o psicólogo inquirir da estupidez individual ou social é o período carnavalesco em que se entrou. O que vai ser esse período, não é difícil de prever. Dadas as inúmeras provas de insipidez que desde o último domingo se tem multiplicado pelas ruas. Os estudantes, ou antes alguns estudantes organizaram há dias uma burrice choca que fechou no Coliseu com uma festa tão insipida que deu lugar a troça violenta e a patada violenta de parte da assistência composta na totalidade por estudantes. Desabou um Carmo e Trindade de pancada por não terem encontrado graça na sua política brutalidade de intervenção, friccionando as costas de muitos espectadores, com os seus sabres irritados. Pelas ruas anda um desalento brusco e monótono de mulheres até de 50 anos com trejeitos de moda do Minho que estão inquestionavelmente a exigir, serem varados pelos protestos dos que ainda não perderam de todo as faculdades de raciocínio. Entramos no período mais insipido do ano. Ao sair dele receberemos menos o contacto das alimárias mais bravas do que, coitadas, mais inofensivas do que os desastrosos foliões de má morte...

### Preguiça, sono...

Ruminaram muitas rapoças de São Bento na ideia de se efectuar sessões nocturnas a fim de tornar mais proveitoso o trabalho parlamentar. É possível, porque todos os erros e escândalos são naturais e possíveis, que venham em breve as supridas sessões nocturnas. Por não haver tempo, para tanto discutir, nas sessões diurnas? Sim, porque nas referidas sessões os parlamentares ou desperdiçam o tempo ou não comparecem. As sessões nocturnas representam um aumento dos proventos dos legisladores. De proventos, de preguiça, de sono. E as horas desono e preguiça, são, parlamentarmente falando, consideradas horas de trabalho e com direito a redobrada remuneração.

## A BATALHA vai passar a vender-se a 30 centavos

Tocámos ontem a tecla dolorosa das dificuldades que continuamente, pesam, como uma ameaça tremenda, sobre a existência da A Batalha. Mostrámos descrenchando algumas verbas o custo de cada número deste jornal. Fixámos em 27 centavos. Esses números, convém dizê-lo, foram dados por alto, tendo sido feita abstracção de várias despesas, como devoluções, exemplares inutilizados e perdidos e ainda uma série atrozadora de pequenas verbas que agravam o custo de A Batalha.

Os jornais estupidizados pelas forças vivas e os que da Moagem são exclusiva propriedade já há algum tempo que se vem vendendo a 30 centavos. Esses jornais dispõem de recursos que nós não temos e podem vender-se a menos de 30 centavos. Envidaram-se todos os esforços para que A Batalha se pudesse continuar vendendo a 20 centavos. Fizemos-nos todos os maiores esforços para que nos animássemos acima de tudo e unicamente os nossos objectivos de propaganda e de defesa dos interesses do proletariado. Esses esforços foram inúteis, visto não haver maneira de A Batalha poder comportar, apesar do prestante auxílio do proletariado, com um tão elevado prejuízo por cada exemplar vendido.

Não temos outro remédio senão elevar o preço da A Batalha para 30 centavos. Será pois esse preço que ela passará a ser vendida no próximo mês. O proletariado, que a nosso lado tem combatido, compreenderá o alcance desta resolução persistindo em dispensar a A Batalha o auxílio para ela poder viver uma vida sem mácula. Que o operariado se não esqueça de que A Batalha vive do seu auxílio e que desaparecido ele, inexoravelmente morrerá!

## CRONICA DE HAMON

### O PATRIOTISMO

Os governantes e os militares profissionais devem ser considerados anti-patriotas

A propósito de tudo e de nada, o hábito, sobretudo dos conservadores, dos governantes e dos dirigentes, consiste em todos os países em qualificar de anti-patriotas os seus compatriotas que não pensam como eles nem como eles actuam. O processo é cómodo posto não seja honesto, visto que com razão ou sem ela, se lança o descrédito sobre o anti-patriota.

Verdade é que, é mais fácil proceder por esta forma que determinar o que seja o patriotismo e mostrar que os que se opõem ao modo de ver e às acções dos dirigentes estão ao mesmo tempo, em oposição, ao patriotismo científico e determinado.

O patriotismo por definição, é o amor do seu país, do país em que se nasceu e onde se vive. Este amor implica que o que o possui faz ao seu país, se este o necessita, todos os sacrifícios possíveis, até o da própria vida.

Este amor só pode manifestar-se por palavras ou actos tendentes a fazer com que o país amado seja grande, estimado, respeitado por todos, ou melhor ainda, seja amado por todos.

Quem ama o seu país deve esforçar-se por fazê-lo amar por todo o universo. O que fez a grandeza do Cristo, abstrahido da sua qualidade divina negada pelos livres-pensadores, é a sua bondade, o que deu lugar a que não haja no mundo nenhum ser humano que não ame e admire. Porque Cristo impõe o amor. Do mesmo modo um país para ser grande deve impor o amor a todos. E o maior patriota é o que trabalha neste sentido; o que faz amar o seu país.

Pelo contrário é de toda a evidência, que o anti-patriota, é o que faz tarefa oposta à do patriota. É o portento aquele que faz com que o seu país seja detestado, odiado, ou pelo menos temido, pois quem é temido não é amado.

Parece-nos que nas linhas precedentes escrevemos simplesmente truismos e axiomas, tam grande é a evidência da sua verdade. Estes truismos e axiomas

tem entretanto a sua importância, porque deles derivam inelutavelmente maneiras de proceder que permitem determinar com segurança o patriota e o anti-patriota.

Contar com a força das armas, para tornar a sua pátria maior, pode dar resultado momentaneamente, mas é agir anti-patrioticamente porque é fazê-lo temido primeiro e odiado em seguida. Qualquer que seja a forma da violência, nunca esta impôs o amor. E quando esta violência é brutal, como o é sempre a de origem militar, impõe o ódio.

Nem Alexandre, nem Tancrén, nem Napoleão, conquistadores do mundo, conquistaram o poderio moral, o grandeza que um Cristo e um Buda ainda hoje possuem.

Portanto na sua própria essência, o militar profissional é um anti-patriota. E logicamente todos os que impõem um país para a grandeza pelo caminho da violência, podem momentaneamente serem bem sucedidos, tal como Napoleão e Bismark. Mas em seguida vem a reacção.

E nunca o país por eles dirigido é amado. A sua grandeza é simplesmente aparente.

«Por isso um dos sintomas da grandeza dum país é o amor que por ele nutrem os estrangeiros». Todo o país que suscita a inveja, o descontentamento, o ódio do estrangeiro é um país dirigido por anti-patriotas.

Vêde a Alemanha antes de 1914. Os alemães no seu conjunto imaginavam que os seus dirigentes faziam grande a sua pátria e eram excelentes patriotas. O que era uma aparência enganadora como todas as aparências. Quando chegou o momento do perigo, a pátria alemã ficou isolada contra o mundo coligado. Este temia-a e não a amava. O amor é a maior força que existe. De tudo triunfa, porque é a força da própria vida.

Olhai a França actual, temida por uns, odiada por outros, amada por ninguém. Vêde-a isolada, só tendo clientes

e não amigos. Não é isto a prova flagrante que são anti-patriotas os que dirigem a sua política e a sua economia? Oh, eu não incrimino as suas intenções. Não sondo nem os rins nem os corações dos seus actos. Constato os efeitos dos seus actos. Pelo fruto se julga a árvore. E sou forçado a constatar que diminuíram a pátria francesa fazendo-a temer, odiar ou simplesmente não amar a França. E sou obrigado a constatar que este fruto dos seus actos clássicos ou necessariamente entre os anti-patriotas.

A política dos dirigentes actuais da França tem opostos. De há muito que foi denunciado o resultado a que conduzia esta política. Muitos mostraram há muitos meses e alguns há anos a que fatais consequências conduzia o caminho em que se tinham embarcado os dirigentes. Mostraram-no dia a dia, gritando cantos, mas em vão, indicaram as suas grandes linhas a política a seguir para fazer amar a França: política de justiça e de equidade, de igualdade, sem preocupação de vingança, de extorsão, de territórios, de vingança, de domínio militar e económico, política de solidariedade com todas as

nações pátrias, política de abandono do recurso às armas para decidir conflitos entre pátrias, política de desarmamento, uma forte liga de nações, criando primeiro os Estados Unidos da Europa e os do Mundo em seguida. Esta política não foi executada porque os que a preconizavam, os socialistas, os caixilistas, não tinham o poder. Mas o único acto que podiam fazer, dadas as circunstâncias era fazer escrever. Do que se não privaram. E por este acto verbal, classificavam-se de patriotas. Com efeito, não é de toda a evidência que a política que indicavam a ninguém ameaçava e solidarizava todo o mundo, obrigavam a amar-se o mundo inteiro?

Augustus Hamon

## OS DELEGADOS PRESOS EM SEVILHA

O PROLETARIADO TEM DE SER ESCLARECIDO SOBRE AS DILIGÊNCIAS DO GOVERNO PORTUGUEZ E A ATITUDE DE RIVERA

Sevilha persiste em ser a sepultura da liberdade dos dois delegados da C. G. T. que aquela cidade foram em cumprimento da sua missão estreitar os laços de fraterna solidariedade entre o proletariado português e espanhol.

Primeiro de Rivera, o sinistro e grotesco ditador espanhol persiste em manter presos dois operários, dois delegados da C. G. T. que não cometeram o menor delito. A organização operária representando inofensivamente, a vontade e o sentir do proletariado português, já fez sentir a sua repulsa perante tanta indigna atitude do brutal militar que é em Espanha, senhor todo poderoso e senhor absoluto do seu capricho desdém da liberdade e da vida dos operários.

As promessas dos ministros dos estrangeiros apesar dos modos correctos e terminantes e repetidos como elas tem sido feitas, não tem passado de promessas. A ineficácia dessas promessas até agora está suficientemente provada pela constatação dolorosa do prolongamento do cativeiro de Silva Campos e Manuel Joaquim de Sousa.

Primeiro de Rivera continuará fazendo ouvidos de mercador às reclamações que o governo por intermédio do ministro dos Estrangeiros e do representante de Portugal em Madrid lhe formulou?

Prometeu—anda e sempre as promessas—os sr. Domingos Pereira que iam ser feitas novas diligências diplomáticas junto de Primeiro de Rivera para que os delegados portugueses sejam, no mais breve espaço de tempo postos em liberdade. O proletariado necessita de ser amplamente esclarecido sobre essas diligências e da resposta que a elas dará o entusiasmado manequim militar que por um golpe de espada, de espadas que fugiram em Marrocos diante do impeto dos rotórios, predomina em Espanha. Tudo isso tem de ser esclarecido para que o proletariado fique convenientemente esclarecido a fim de poder julgar com clareza e justiça a atitude do governo português e do fantoche trágico que é Primeiro de Rivera.

O proletariado continua, por meio dos seus organismos, fazendo sentir a sua revolta contra a iniquidade que mantém no cárcere de Sevilha dois representantes seus.

No imponente comício que, no domingo, se realizou no Barreiro, foi aprovada uma moção com os seguintes conclusões:

«1.º Reclamar do governo a sua intervenção junto do directorio militar de Espanha para a imediata libertação de Manuel da Silva Campos e Manuel J. de Sousa.

«2.º Secundar qualquer movimento que a C. G. T. leve a efeito para que cesse tam intolerável arbitrariedade.»

Na última assembleia geral realizada pelo S. U. Metalúrgico do Pôrto protestou-se energeticamente contra a intolerável arbitrariedade de que estão sendo vítimas, em Sevilha, Silva Campos e Manuel J. de Sousa, resolvendo-se secundar qualquer movimento que a C. G. T. leve a efeito para conseguir a sua libertação.

A Associação dos Operários Confeiteiros do Pôrto, reunida em assembleia geral e tomando conhecimento da detenção dos delegados da C. G. T., Manuel Joaquim de Sousa e Manuel da Silva Campos, presos arbitrariamente em Espanha, lavra o seu vemente protesto contra a infâmia dos governantes espanhóis e mais entidades culpadas de tal situação, salutando as camaradas detidas e todas as vítimas do capitalismo internacional, a quem manifesta toda a sua solidariedade.

Na última assembleia geral realizada pelo S. U. Metalúrgico do Pôrto protestou-se energeticamente contra a intolerável arbitrariedade de que estão sendo vítimas, em Sevilha, Silva Campos e Manuel J. de Sousa, resolvendo-se secundar qualquer movimento que a C. G. T. leve a efeito para conseguir a sua libertação.

Na última assembleia geral realizada pelo S. U. Metalúrgico do Pôrto protestou-se energeticamente contra a intolerável arbitrariedade de que estão sendo vítimas, em Sevilha, Silva Campos e Manuel J. de Sousa, resolvendo-se secundar qualquer movimento que a C. G. T. leve a efeito para conseguir a sua libertação.

Na última assembleia geral realizada pelo S. U. Metalúrgico do Pôrto protestou-se energeticamente contra a intolerável arbitrariedade de que estão sendo vítimas, em Sevilha, Silva Campos e Manuel J. de Sousa, resolvendo-se secundar qualquer movimento que a C. G. T. leve a efeito para conseguir a sua libertação.

Na última assembleia geral realizada pelo S. U. Metalúrgico do Pôrto protestou-se energeticamente contra a intolerável arbitrariedade de que estão sendo vítimas, em Sevilha, Silva Campos e Manuel J. de Sousa, resolvendo-se secundar qualquer movimento que a C. G. T. leve a efeito para conseguir a sua libertação.

Na última assembleia geral realizada pelo S. U. Metalúrgico do Pôrto protestou-se energeticamente contra a intolerável arbitrariedade de que estão sendo vítimas, em Sevilha, Silva Campos e Manuel J. de Sousa, resolvendo-se secundar qualquer movimento que a C. G. T. leve a efeito para conseguir a sua libertação.

Na última assembleia geral realizada pelo S. U. Metalúrgico do Pôrto protestou-se energeticamente contra a intolerável arbitrariedade de que estão sendo vítimas, em Sevilha, Silva Campos e Manuel J. de Sousa, resolvendo-se secundar qualquer movimento que a C. G. T. leve a efeito para conseguir a sua libertação.

Na última assembleia geral realizada pelo S. U. Metalúrgico do Pôrto protestou-se energeticamente contra a intolerável arbitrariedade de que estão sendo vítimas, em Sevilha, Silva Campos e Manuel J. de Sousa, resolvendo-se secundar qualquer movimento que a C. G. T. leve a efeito para conseguir a sua libertação.

Na última assembleia geral realizada pelo S. U. Metalúrgico do Pôrto protestou-se energeticamente contra a intolerável arbitrariedade de que estão sendo vítimas, em Sevilha, Silva Campos e Manuel J. de Sousa, resolvendo-se secundar qualquer movimento que a C. G. T. leve a efeito para conseguir a sua libertação.

Na última assembleia geral realizada pelo S. U. Metalúrgico do Pôrto protestou-se energeticamente contra a intolerável arbitrariedade de que estão sendo vítimas, em Sevilha, Silva Campos e Manuel J. de Sousa, resolvendo-se secundar qualquer movimento que a C. G. T. leve a efeito para conseguir a sua libertação.

## A insaciável Carris!

A Câmara Municipal ocupa-se do seu pedido de aumento de tarifas

Na sessão ontem realizada pela Câmara Municipal foi lido um longo officio em que a Companhia Carris de Ferro «para estabelecer o justo equilibrio da sua situação financeira e para melhorar as condições de vida do seu pessoal», pede autorização para aumentar as suas tarifas ordinárias de viação eléctrica, pela forma seguinte: Uma zona, \$60; duas, \$80; três, \$100; quatro, \$120; cinco, \$140.

Sobre este assunto foi lido o aprovado o parecer da comissão de viação, para que o aumento seja proporcional à diferença cambial, que se tem dado, entre a cotação sobre Londres de 23/8, e as que foram calculadas as tarifas resultantes da sentença arbitral de 27 de Novembro de 1922, e a cotação média destes ultimos três meses.

Neste sentido a Comissão Executiva ficou autorizada a calcular e a estabelecer com a Companhia Carris as novas tarifas, incluindo os passes, podendo ser arredondadas para mais ou para menos, de forma a compensarem-se e para só ficarem fracções de cinco centavos, as fracções que se encontrem nos preços de cada tarifa.

Esperemos o resultado das applicações deste parecer...

## FUNCIONALISMO PÚBLICO

### O MOVIMENTO DE PROTESTO

foi suspenso mediante promessa de serem atendidas as suas reclamações

Apesar das ameaças do governo, os funcionários públicos não se intimidam, mantendo o movimento de protesto que há dias tinham iniciado.

O ministério das Finanças chegou a estar isolado dos outros ministérios, tendo-se conservado apenas abertos as portas do exterior que dão para as arcadas. De manhã compareceram no referido ministério onde se conservaram por largo tempo, agentes de polícia de investigação. A sua desagradável e antipática presença chegou a dar lugar a vários boatos, entre eles o de que ia ser preso o comité dirigente do movimento, o que não se confirmou.

Procurou-se provocar descontentamento entre os funcionários, afirmando-se que os das Finanças tinham prejudicado o recebimento dos ordenados dos outros ministérios. Segundo informações que colhemos, os funcionários das finanças e a contabilidade dos diferentes ministérios apesar do movimento, estava providenciando para que os seus colegas recebessem os seus ordenados sem atraso.

O movimento de protesto dos funcionários foi suspenso na tarde de ontem por determinação do Comité Central do Funcionalismo.

O referido comité expõe as razões da suspensão do movimento na seguinte nota officiosa que nos enviou:

«Numa reunião efectuada ontem entre a comissão de «demarches» delegada do Comité do Funcionalismo e o Secretário Geral do Ministério das Finanças, foi declarado por este senhor que invocava a si as justas reclamações do funcionalismo, para as quais, de acordo com os restantes directores gerais, iria imediatamente procurar a fórmula de as efectivizar, para ser presente ao respectivo ministério e parlamento, devendo esta comissão voltar a avistar-se com o mesmo Secretário Geral na segunda-feira 10 de Março, data que ficou fixada para final terminação do actual estado de cousas; ficando mais ou menos assente que a plataforma a apresentar seja a alteração do multiplicado estabelecido na lei n.º 1452 e o aumento do coeficiente do custo de vida.

Não tendo o comité desde o principio do movimento de protesto efectuado, desejo algum em criar dificuldades ao governo, resolve, em virtude do tratado com o Secretário Geral do Ministério das Finanças, e acima exposto ordenar a todos os seus colegas a intensificação dos serviços a seu cargo, aguardando-se o resultado favorável previsto para 10 de Março, para o qual não são dissolvidas as comissões sem e comité, a fim de voltar ao movimento, enjão com mais energia, caso a plataforma, por assim dizer já acelte, falhar»



## CLAMANDO JUSTIÇA

## Uma carta do tenente miliciano Sousa Azevedo, dirigida ao presidente da "Liga dos Direitos do Homem".

Meus camaradas: A sociedade portuguesa, que dizem fazer parte do Mundo Civilizado, a sociedade portuguesa que encontra situada, não, no interior de África, mas sim, na Europa, a sociedade portuguesa, na qual, pelas leis internacionais do Direito das Gentes, o homem, e não considerado como escravo, a sociedade portuguesa, que dizem ter abolido a escravidão nos seus domínios africanos; a sociedade portuguesa, que legisla leis para punir crimes, não permitindo privilégios para os criminosos; a sociedade portuguesa que fez, e estabeleceu uma Constituição, pela qual se concedem Direitos e Liberdades iguais aos dos restantes países da Europa, é esta Sociedade, que, em pleno Século XX, pratica a escravidão em plena Lisboa, sua Capital.

Meus Camaradas: Há um ano que do exercício de minhas funções de trabalhador dos correios, em pleno dia, do seio de meus camaradas de trabalho, fui pela força e pela violência arrancado e encarcerado numa prisão; dias depois, pela força e pela violência fui-me vestido num uniforme militar, tempo depois, violenta e forçadamente vestido de desterrado para Bragança, onde, ainda me me encontro, num quartel, com os meus Direitos e Liberdades cortados, sem poder sair da localidade, completamente preso como se fosse um criminoso.

Esta autêntica escravidão, que dura há um ano, não sei quando acabará, nem onde chegará; não me admirando que me desejem matar, pois que, o que tenho passado, é uma morte lenta; desterrado, fora da minha terra, da minha família, do meu trabalho, sem receber a totalidade dos vencimentos, que o uniforme que me obrigam a vestir, dá direito.

Este grave atentado contra a minha liberdade, foi, é, cometido, e está sendo

## Disciplina de caserna

Informaram-nos há dias que os recrutas que aprendem a instrução militar no Entroncamento, há mais simples finta que cometas são obrigados a carregar num pinhal carregados com a modorra cheia de areia, não sendo mesmo permitido que qualquer dos recrutas esteja doente. Dizem-nos mais que um capitão Vilar e um sargento Travancos não usaram e vestiram nestas provas.

Não sabemos se os regulamentos respectivos determinam esta falta de humanidade.

## O roubo no Depósito Central de Fardamentos

Em Março do ano passado foram presos Faustino Pinho Alves, Francisco António Viana, Manuel Gonçalves e Manuel Paulo, acusados, o primeiro de ter cometido um roubo no Depósito Central de Fardamentos, onde era empregado, e os restantes como receptores. Pouco depois foram apanhados e na segunda-feira realizou-se o julgamento. Provocou-se no tribunal a inocência de todos os acusados, sucedendo até que o próprio delegado do ministério público produziu um discurso de defesa, tendo o júri, por unanimidade, absolvido todos os acusados, corroborando o juízo de bom comportamento de todos.

Foi advogado de defesa o dr. sr. Mário Monteiro que com muita facilidade conseguiu desfazer a acusação que pesava sobre aquelas criaturas.

## CONFERÊNCIAS

## A função social do P. R. R. no actual momento político

Na sede do Centro Republicano Radical, rua da Voz do Operário, 64, 1.º, à Graca, realiza amanhã, pelas 21 horas, uma conferência subordinada ao tema "A função social do Partido Republicano Radical no actual momento político", o velho propagandista republicano sr. Arnaldo de Carvalho.

Minha mulher Genevieve, comparada comigo, é uma verdadeira guerreira, digna pelo ânimo e virtude de fazer parte da nossa família, que conta entre suas avós, HENA, a virgem da ilha de Sên, MEROE, a mulher de Albinik, e MARGARID, a matrona gaulésa... Eu fiz ler a Genevieve os pergaminhos que me deixou meu avô; essas narrações entusiasmaram-na: Quantas vezes ela me censurou ternamente a minha timidez e desânimo, exclamando:

"Ah! se eu fôra homem! se eu descendesse do brenn da tribo de Karnak! dessa raça fecunda de homens enérgicos e de mulheres de armas! à primeira sublevação dos gauléses correria logo ao meio do perigo..."

"Gosto mais de viver socegradamente junto de ti, Genevieve, dizia-lhe eu; tem paciência com os males que não posso prevenir, e deixa-me manejar a roda do melhor que possa em proveito do meu senhor."

Foi no décimo quinto ano do reinado de Tibério, que minha mulher partiu de Marselha com Aurélia, sua senhora, para se dirigirem à Judéa.

Os factos seguintes foram escritos por Genevieve haverá um ano, quando voltou da sua viagem... A minha vida tem sido até hoje tam monótona e insignificante, que ela figuraria mal entre as narrações da minha família. A narração de Genevieve, pôsto que mencione alguns factos sem importância, que se passaram no país dos hebreus, quando ela habitava Jerusalém, terá pelo menos o atractivo da curiosidade, que inspira todo e qualquer acontecimento de que é teatro um país longínquo e pouco conhecido.

Naquela noite, havia em Jerusalem uma grande ceia em casa de Poncio Pilatos, procurador no país dos israelitas por parte do imperador Tibério.

Perto do declinar do dia, a mais brilhante sociedade de Jerusalem encaminhou-se para casa do senhor romano. A sua habitação, como a de todas as pessoas ricas do país, era construída de pedra de cantaria.

Dava entrada para aquela sumptuosa habitação um pátio quadrado, rodeado de colunas de mármore, em forma de galeria. No centro deste pátio, havia uma fonte que refrescava o ar debaixo daquele céu abraçador da Arábia. Uma imensa palmeira, plantada junto da fonte, cobria-a de sombra durante o dia. Entrava-se depois num vestibulo cheio de servos, e dali na sala do festim.

Em redor da mesa estavam colocados sofás de madeira de cedro, cobertos de riquíssimas tapeçarias, onde os convivas se assentavam para comer... Segundo o uso do país, cada uma das mulheres que assistia ao banquete tinha levado consigo uma das suas escravas, que estava em pé, detrás dela durante o festim. Foi deste modo que Genevieve, mulher de Fernan, assistiu às cenas que vai contar, tendo acompanhado a sua senhora Aurélia a casa de Poncio Pilatos.

A sociedade era escolhida: notava-se entre as pessoas mais distintas, o sr. Baruch, senador e doutor da lei, o sr. Chusa, mórdomo da casa de Herodes, príncipe da Judéa, sob a protecção de Roma, o sr. Grémion, recentemente chegado da Gália romana, na qualidade de tribuno do tesouro da Judéa, o sr. Jonas, um dos mais ricos banqueiros de Jerusalem, e finalmente o sr. Caiphaz, um dos príncipes da igreja dos hebreus.

No número das mulheres que assistia àquele festim, estava Lucrécia, esposa de Poncio Pilatos, Aurélia, esposa de Grémion, e Joana, mulher de Chusa.

As duas mais lindas mulheres da reunião que ceavam esta noite em casa de Poncio Pilatos, eram Joana e Aurélia: Joana possuía aquela formosura peculiar das orientais: grandes olhos pretos ao mesmo tempo meigos e buliçosos, e dentes de uma brancura que a sua cutis trigueira tornava ainda mais sedutores. O turbante, de preciosa seda de Tyro, cor de púrpura, guarnecido com uma grossa corrente de ouro, da qual ambas as extremidades lhe caíam dos lados sobre os ombros, molduravam-lhe a fronte quasi escondida por duas enormes tranças de cabelo preto. Vestia uma comprida túnica branca, de mangas curtas, e tinha os braços carregados de braceletes de ouro; por cima da túnica, apertada na cintura com um cinto de estôfo cor de púrpura igual ao do turbante, trazia uma espécie de sobressaia de seda cor de laranja, sem mangas. As lindas feições de Joana tinham uma expressão cheia de doçura, e o seu sorriso exprimia uma bondade encantadora.

Aurélia, mulher de Grémion, nascida de pais romanos, na Gália do meiodia, era também formosa e, embora vestida à moda do seu país, com duas túnicas,

## TEATROS &amp; CINEMAS

## TRINDADE

## A avalanche de Armando Ferreira

Armando Ferreira cuja missão de crítico cedeu o lugar à de autor dramático, estreou-se agora no teatro da Trindade, com a sua peça "A avalanche", a respeito da qual as opiniões portuguesas que primeiro a escutaram, se dividiram.

Armando Ferreira entre a crítica lisboeta, se não foi temido; pela agudeza dos seus remos e pela ironia de algumas das suas apreciações, assustava um tanto autores e actores que felizes se mostravam quando ele em "A Capital" não os beliscava muito.

Quando ele próprio me disse que deixaria a crítica por um tempo, para se apresentar como dramaturgo, puz-me a pensar no que poderia ser a revanche, no dia em que subisse à scena a sua primeira peça. Mas, Armando Ferreira não se intimidando teimou e não recuando o desagrado, por muito legítimo que fosse, fez "A avalanche" cujo título suggestivo ainda mais concitaria a atenção dos que com parti-pris, o esperavam, e dos que imparcialmente tivessem de julgá-la nas colunas dos jornais.

Não foi bem recebida a peça, principalmente durante o último acto. Mas a maneira como o público silenciosamente acompanhou os primeiros actos, prova na verdade que toda a assistência reconheceu sem custo, que o autor possui qualidades que lhe permitirão fazer melhor, quando se preocupar menos com explanações filosóficas e estruturais de frases pretenciosamente lapidárias e concituosas.

Na pintura dos caracteres falham também as suas investigações de psicologia indecisa. O assunto em que assenta "A avalanche" tratado com os mais graves atentados contra a Liberdade daqueles que, tem a hombridade de, para bem da humanidade, acusar graduados criminosos que inundam a Sociedade Portuguesa. — Alfredo de Sousa Azevedo, 3.º oficial dos correios, voluntário e ferido de guerra.

## Coluna esperantista

**Nova Vojo (Sociedade Esperantista Operária).** — Reuniu antontem pela segunda vez a comissão administrativa, tendo constatado o renascimento do movimento esperantista, traduzido em novas inscrições.

Entre as suas resoluções contam-se: procurar nova sede, em virtude das más condições em que a sociedade se encontra instalada, e abrir um novo curso elemental, a começar em princípios de Abril. Este curso será dirigido por Costa Júnior, seguindo um novo método inteiramente novo em Portugal, e para ele se aceitam apenas 20 inscrições. A condição de matrícula caira-se na inscrição como sócio activo, pagando a cota mensal mínima de 25 Adesões aceitam-se na Rua do Mundo, 81, 2.º.

Terminou já a inscrição para o curso elemental para principiantes, não se aceitando mais alunos para este curso. As aulas serão às quartas-feiras e sextas-feiras das 20,30 às 22, sendo amanhã a primeira aula.

Está aberta a inscrição para um novo curso de esperanto, a começar no próximo mês de Abril, dirigido pelo camarada Costa Júnior.

**Operários Alfaiates.** — Continua aberta a inscrição para o curso elemental de esperanto para os camaradas de ambos os sexos que sejam sindicalizados, todas as terças e quintas-feiras.

## DESPORTOS

## Rectificação

As graíhas parece terem-se acostumado a assaltar esta nossa secção. Assim é que, a quando do desafio Sporting-Imperio, em que triunfou o Imperio por 1-0, saiu-nos o resultado de 2-1, aliás fácil de corrigir pelo seguinte da leitura. Na notícia que ontem publicámos sobre o resultado de 2-1 em vez de 3-1. Como é de toda a justiça repara as cousas no seu verdadeiro lugar, aqui deixamos feita a rectificação.

## O CARPINTEIRO DE NAZARÉ

(Do ano 10 a 130 da Era Actual)

## QUARTA PARTE

## PONCIO PILATOS — CAIPHAS — UMA DENUNCIA DUM OFICIAL ROMANO

Naquela noite, havia em Jerusalem uma grande ceia em casa de Poncio Pilatos, procurador no país dos israelitas por parte do imperador Tibério.

Perto do declinar do dia, a mais brilhante sociedade de Jerusalem encaminhou-se para casa do senhor romano. A sua habitação, como a de todas as pessoas ricas do país, era construída de pedra de cantaria.

Dava entrada para aquela sumptuosa habitação um pátio quadrado, rodeado de colunas de mármore, em forma de galeria. No centro deste pátio, havia uma fonte que refrescava o ar debaixo daquele céu abraçador da Arábia. Uma imensa palmeira, plantada junto da fonte, cobria-a de sombra durante o dia. Entrava-se depois num vestibulo cheio de servos, e dali na sala do festim.

Em redor da mesa estavam colocados sofás de madeira de cedro, cobertos de riquíssimas tapeçarias, onde os convivas se assentavam para comer... Segundo o uso do país, cada uma das mulheres que assistia ao banquete tinha levado consigo uma das suas escravas, que estava em pé, detrás dela durante o festim. Foi deste modo que Genevieve, mulher de Fernan, assistiu às cenas que vai contar, tendo acompanhado a sua senhora Aurélia a casa de Poncio Pilatos.

A sociedade era escolhida: notava-se entre as pessoas mais distintas, o sr. Baruch, senador e doutor da lei, o sr. Chusa, mórdomo da casa de Herodes, príncipe da Judéa, sob a protecção de Roma, o sr. Grémion, recentemente chegado da Gália romana, na qualidade de tribuno do tesouro da Judéa, o sr. Jonas, um dos mais ricos banqueiros de Jerusalem, e finalmente o sr. Caiphaz, um dos príncipes da igreja dos hebreus.

No número das mulheres que assistia àquele festim, estava Lucrécia, esposa de Poncio Pilatos, Aurélia, esposa de Grémion, e Joana, mulher de Chusa.

As duas mais lindas mulheres da reunião que ceavam esta noite em casa de Poncio Pilatos, eram Joana e Aurélia: Joana possuía aquela formosura peculiar das orientais: grandes olhos pretos ao mesmo tempo meigos e buliçosos, e dentes de uma brancura que a sua cutis trigueira tornava ainda mais sedutores. O turbante, de preciosa seda de Tyro, cor de púrpura, guarnecido com uma grossa corrente de ouro, da qual ambas as extremidades lhe caíam dos lados sobre os ombros, molduravam-lhe a fronte quasi escondida por duas enormes tranças de cabelo preto. Vestia uma comprida túnica branca, de mangas curtas, e tinha os braços carregados de braceletes de ouro; por cima da túnica, apertada na cintura com um cinto de estôfo cor de púrpura igual ao do turbante, trazia uma espécie de sobressaia de seda cor de laranja, sem mangas. As lindas feições de Joana tinham uma expressão cheia de doçura, e o seu sorriso exprimia uma bondade encantadora.

Aurélia, mulher de Grémion, nascida de pais romanos, na Gália do meiodia, era também formosa e, embora vestida à moda do seu país, com duas túnicas,

## O Carnaval

Sábado, realiza-se no Nacional o segundo baile de máscaras para o qual estão já a venda os respectivos bilhetes. Este teatro representará durante a quadra em que o Deus Momo impera, lindas e alegres enlances, entre elas o "Auspicio enlance" e a "Carta anónima".

Floje, repete-se no Nacional a humoresca comédia "A visinha do lado" que mais uma vez confirmará o alto valor cómico da peça, que tam brilhantemente é interpretada.

O Coliseu dos Recreios, a casa de espectáculos mais ampla, mais cómoda e mais popular de Lisboa, vai certamente marcar esta época carnavalesca mais um triunfo pelas suas magníficas decorações de absoluta novidade e pelas suas fêricas iluminações, umas e outras entregues a artistas de muita competência e gosto. Durante a quadra do Carnaval realizar-se-hão ali quatro admiráveis espectáculos com um programa sensacional de circo e variedades, dos quais fazem parte os aplaudidos artistas Gerações, bailarinas, cancionistas e uma engrandecida pantomima própria da época, que há de causar grande sensação, os quais serão seguidos de deslumbrantes bailes e das grandiosas matinees com interessantíssimos bailes infantis.

Como a procura de bilhetes tem sido grande, ninguém deve deixar de os comprar com tempo para adquirir a certeza de que pode ir ali divertir-se por um preço mais barato do que o de outras casas de espectáculos de Lisboa.

## CARTAZ

S. CARLOS — A's 21 — "A Vainha do Lado".  
NACIONAL — A's 21 — "A Vainha do Lado".  
S. LUIS — A's 21 — "Os 28 dias de Clari-nha".  
TRINDADE — A's 21 — "A Vainha do Lado".  
PONTA-DE-ALFAMA — A's 21, 30 — "A greve geral".  
APOLO — A's 21, 30 — "Fruto Proibido".  
AVENIDA — A's 21, 30 — "O Povo do Bispo".  
EDEN THEATRO — A's 21 — "A Paz Armada".  
MARIA VITORIA — Não há espectáculo.  
COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 — Grande companhia de circo.  
GIL VICENTE — A's 21 — "As duas orlas".

OLIMPIA — A's 20, 30 — Animatógrafo.  
SALAO FOZ — A's 14, 30 e 20, 30 — Variadas.  
CHALOU TERRASSE — A's 14, 30 e 20, 30 — Animatógrafo.  
CONDES (Avenida) — Animatógrafo.  
CENTRAL (Avenida) — Animatógrafo.  
CINE-PARIS (Rua Ferreira Borges) — Animatógrafo.  
IDEAL (Largo do Carmo) — Animatógrafo.  
ROSSIO (Arco da Bandeira) — Animatógrafo.  
CHATELIER (Praça dos Restauradores) — Fitas faladas.  
BROUETTORA (Largo do Calvário) — Animatógrafo.  
EDEN-CINEMA (Rua do Alentejo) — Animatógrafo.

## Aos nossos agentes e assinantes

Devido à grande crise que "A Batalha" atravessa, motivada pelo elevado preço de todos os artigos que entram na sua manufatura, e havendo sempre em atraso alguns débitos de agentes e assinantes, embora alguns pequesmos mas que todos somados montam a alguns milhares de escudos; acontecendo ainda haver algumas devoluções de recibos que mandamos à cobrança que provoque graves perturbações e dispêndios com o correio;

Aos nossos solícitos agentes e estimáveis assinantes recomendamos, nesta hora grave para a vida honesta que "A Batalha" tem, que devem ajudar esta administração, enviando uns as suas liquidações o mais rápido possível e a outros o pagamento dos recibos que se encontram à cobrança.

## A ADMINISTRAÇÃO

## Os que morrem

Albertina Horto Alfaro  
Do hospital D. Estefânia si hoje, pelas 15 horas, para o cemitério do Alto de São João, o funeral de D. Albertina Horto Alfaro, filha do nosso camarada de redacção José Horto.

## Agradável rectificação

Noticiámos, por lapso, que na enfermaria de Sousa Martins, do hospital de São José, tinha falecido Francisco da Fonseca, porteiro da fábrica de produtos químicos na Póvoa de Santa Iria e que na referida fábrica foi agredido com uma facada, quando afinal o curado do sr. Francisco completamente curado dos seus sofrimentos, teve alta, devendo sair hoje daquele estabelecimento.

## Pelo Instituto de Medicina Legal

No hospital de São José foi ontem reconhecido e identificado por sua mãe, Maria da Conceição Castilho, o cadáver daquele indivíduo encontrado caído e sem fôla na Calçada da Tapada, em 24 último, que veio a falecer horas depois na enfermaria de Sousa Martins. Chamava-se Jacinto Porfírio, de 23 anos, descarregado, natural de Lisboa e morador no Beco do Sabugueiro, 8, loja, em Alcântara.

Neste estabelecimento deu ontem entrada um indivíduo cuja identidade se desconhece e que foi encontrado a boiar à tona de água junto à doca de Santo Amaro.

## Rendimentos dos operários

Há meses que um trago de operários, sob as ordens do engenheiro José Malagães, e mestre de obras Sales, anda reconstruindo, por conta do Estado, o antigo convento de Chelas onde há pouco tempo se manifestou um grande incêndio que quasi o destruiu, deixando por esse facto sem abrigo um grande número de senhoras, famílias de oficiais falecidos, que ali se abrigavam.

A altura aproximadamente de vinte metros encontrava-se armado um andaime e nele trabalhavam oito operários montando o vigamento quando em dado momento aquele andaime arrematou-se na queda. São eles: Futuro Monteiro Teles, de 14 anos, natural de Lisboa, aprendiz de carpinteiro, morador no pátio do Colégio, 9, José Ferreira dos Santos, de 35 anos, casado, servente de pedreiro, natural de Arroios; Novas e morador na rua de Arroios; Manuel Cabral, de 25 anos, pintor, natural da Covilhã, morador na rua das Canstiras, 10, 5.º; Um indivíduo de nome Joaquim, que aparenta ter 25 anos, pedreiro, que entrou sem fôla; Um outro de nome António, que aparenta ter 30 anos, pedreiro, que entrou também sem fôla; Domingos Simões, de 35 anos, carpinteiro, morador em Chelas; José Pinheiro, de 33 anos, servente, natural de Moimenta da Beira e morador no Campo de Santa Clara; Travessa das Flores, 10, loja; e Manuel Monteiro Teles, pai do primeiro, de 50 anos, mestre dos carpinteiros.

Os três primeiros apresentavam várias contusões pelo corpo e ferimentos na cabeça, pelo que depois de devidamente pensados recolheram a suas casas; os três seguintes apresentavam fractura de crânio e lesões internas pelo que depois de operados pelo médico de serviço dr. sr. Amândio Pinto recolheram a sala de observação; os dois últimos apresentavam ferimentos na cabeça e contusões internas pelo que recolheram à sala de observação, sendo bastante grave o estado do Teles.

As conduções dos feridos para o hospital de São José fizeram-se em autocarros da Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha. Mais tarde foi resolvido hospitalizá-los no Futuro Monteiro Teles e José Ferreira dos Santos, em virtude de terem dificuldade em andar, tendo recolhido a casa simplesmente o Manuel Cabral.

## LISBOA NA RUA

## Propaganda sindical

## EM OLHÃO

OLHÃO, 20. — No Cinema Teatro realizou-se há dias um comício de propaganda sindical, que esteve muito concorrido, tendo presidido Augusto das Dores, da construção civil, secretário do Alvaro Gouveia, dos empregados do comércio e Raúl Martins, dos soldados.

Fizeram uso da palavra José Gonçalves, delegado da Federação Metalúrgica, Gonçalves Vidal, da C. G. T., e José Baizel, que se referiram ao mal estar social presente e à necessidade de todos os trabalhadores se organizarem nos seus sindicatos para de vez se acabar com a tirania existente.

Foi votado um protesto contra a prisão, em Espanha, dos delegados da C. G. T. portuguesa, camaradas Silva Campos e Manuel Joaquim de Sousa.

Tratou-se também da reorganização da U. S. O. local, tudo fazendo crer que em breve será um facto.

O comício, que decorreu sempre no meio de grande entusiasmo, terminou com vivas à C. G. T., a Batalha, organização operária, etc.

## EM CANO — (ALENTEJO)

CANO, 25. — Realizou-se no sindicato dos rurais desta localidade uma sessão de propaganda sindical.

Usou da palavra, em primeiro lugar, Joaquim António Carriho, que fez uma interessante exposição das ideias e métodos dos sindicalistas. Seguiu-se António Jacinto Dias, que fez um vibrante discurso, combatendo as falsas e iníquas bases económicas, políticas e morais em que assenta a sociedade burguesa.

José Augusto Rebelo fez várias considerações tendentes a salientar o caminho errado que os trabalhadores seguem quando aceitam e defendem as ideias e as religiões dos seus exploradores. Defendeu a luta organizada do proletariado contra a burguesia e afirmou que só da energia e solidariedade operárias pode resultar o advento dum a sociedade onde todos trabalhem e onde todos tenham direito a viver.

A sessão, que decorreu muito animada, terminou no meio de grande entusiasmo.

Queda desastrosa

Na sala de observações do Banco do Hospital de São José deu entrada Eduardo dos Santos, pescador, residente na Ericelira e que ali deu uma queda, fracturando a perna direita com complicação de ferida.

Uma agradável rectificação

Noticiámos, por lapso, que na enfermaria de Sousa Martins, do hospital de São José, tinha falecido Francisco da Fonseca, porteiro da fábrica de produtos químicos na Póvoa de Santa Iria e que na referida fábrica foi agredido com uma facada, quando afinal o curado do sr. Francisco completamente curado dos seus sofrimentos, teve alta, devendo sair hoje daquele estabelecimento.

Pelo Instituto de Medicina Legal

No hospital de São José foi ontem reconhecido e identificado por sua mãe, Maria da Conceição Castilho, o cadáver daquele indivíduo encontrado caído e sem fôla na Calçada da Tapada, em 24 último, que veio a falecer horas depois na enfermaria de Sousa Martins. Chamava-se Jacinto Porfírio, de 23 anos, descarregado, natural de Lisboa e morador no Beco do Sabugueiro, 8, loja, em Alcântara.

Neste estabelecimento deu ontem entrada um indivíduo cuja identidade se desconhece e que foi encontrado a boiar à tona de água junto à doca de Santo Amaro.

Rendimentos dos operários

Há meses que um trago de operários, sob as ordens do engenheiro José Malagães, e mestre de obras Sales, anda reconstruindo, por conta do Estado, o antigo convento de Chelas onde há pouco tempo se manifestou um grande incêndio que quasi o destruiu, deixando por esse facto sem abrigo um grande número de senhoras, famílias de oficiais falecidos, que ali se abrigavam.

A altura aproximadamente de vinte metros encontrava-se armado um andaime e nele trabalhavam oito operários montando o vigamento quando em dado momento aquele andaime arrematou-se na queda. São eles: Futuro Monteiro Teles, de 14 anos, natural de Lisboa, aprendiz de carpinteiro, morador no pátio do Colégio, 9, José Ferreira dos Santos, de 35 anos, casado, servente de pedreiro, natural de Arroios; Novas e morador na rua de Arroios; Manuel Cabral, de 25 anos, pintor, natural da Covilhã, morador na rua das Canstiras, 10, 5.º; Um indivíduo de nome Joaquim, que aparenta ter 25 anos, pedreiro, que entrou sem fôla; Um outro de nome António, que aparenta ter 30 anos, pedreiro, que entrou também sem fôla; Domingos Simões, de 35 anos, carpinteiro, morador em Chelas; José Pinheiro, de 33 anos, servente, natural de Moimenta da Beira e morador no Campo de Santa Clara; Travessa das Flores, 10, loja; e Manuel Monteiro Teles, pai do primeiro, de 50 anos, mestre dos carpinteiros.

Os três primeiros apresentavam várias contusões pelo corpo e ferimentos na cabeça, pelo que depois de devidamente pensados recolheram a suas casas; os três seguintes apresentavam fractura de crânio e lesões internas pelo que depois de operados pelo médico de serviço dr. sr. Amândio Pinto recolheram a sala de observação; os dois últimos apresentavam ferimentos na cabeça e contusões internas pelo que recolheram à sala de observação, sendo bastante grave o estado do Teles.

As conduções dos feridos para o hospital de São José fizeram-se em autocarros da Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha. Mais tarde foi resolvido hospitalizá-los no Futuro Monteiro Teles e José Ferreira dos Santos, em virtude de terem dificuldade em andar, tendo recolhido a casa simplesmente o Manuel Cabral.

Queda desastrosa

Na sala de observações do Banco do Hospital de São José deu entrada Eduardo dos Santos, pescador, residente na Ericelira e que ali deu uma queda, fracturando a perna direita com complicação de ferida.

Uma agradável rectificação

Noticiámos, por lapso, que na enfermaria de Sousa Martins, do hospital de São José, tinha falecido Francisco da Fonseca, porteiro da fábrica de produtos químicos na Póvoa de Santa Iria e que na referida fábrica foi agredido com uma facada, quando afinal o curado do sr. Francisco completamente curado dos seus sofrimentos, teve alta, devendo sair hoje daquele estabelecimento.

Pelo Instituto de Medicina Legal

No hospital de São José foi ontem reconhecido e identificado por sua mãe, Maria da Conceição Castilho, o cadáver daquele indivíduo encontrado caído e sem fôla na Calçada da Tapada, em 24 último, que veio a falecer horas depois na enfermaria de Sousa Martins. Chamava-se Jacinto Porfírio, de 23 anos, descarregado, natural de Lisboa e morador no Beco do Sabugueiro, 8, loja, em Alcântara.

Neste estabelecimento deu ontem entrada um indivíduo cuja identidade se desconhece e que foi encontrado a boiar à tona de água junto à doca de Santo Amaro.

Rendimentos dos operários

Há meses que um trago de operários, sob as ordens do engenheiro José Malagães, e mestre de obras Sales, anda reconstruindo, por conta do Estado, o antigo convento de Chelas onde há pouco tempo se manifestou um grande incêndio que quasi o destruiu, deixando por esse facto sem abrigo um grande número de senhoras, famílias de oficiais falecidos, que ali se abrigavam.

A altura aproximadamente de vinte metros encontrava-se armado um andaime e nele trabalhavam oito operários montando o vigamento quando em dado momento aquele andaime arrematou-se na queda. São eles: Futuro Monteiro Teles, de 14 anos, natural de Lisboa, aprendiz de carpinteiro, morador no pátio do Colégio, 9, José Ferreira dos Santos, de 35 anos, casado, servente de pedreiro, natural de Arroios; Novas e morador na rua de Arroios; Manuel Cabral, de 25 anos, pintor, natural da Covilhã, morador na rua das Canstiras, 10, 5.º; Um indivíduo de nome Joaquim, que aparenta ter 25 anos, pedreiro, que entrou sem fôla; Um outro de nome António, que aparenta ter 30 anos, pedreiro, que entrou também sem fôla; Domingos Simões, de 35 anos, carpinteiro, morador em Chelas; José Pinheiro, de 33 anos, servente, natural de Moimenta da Beira e morador no Campo de Santa Clara; Travessa das Flores, 10, loja; e Manuel Monteiro Teles, pai do primeiro, de 50 anos, mestre dos carpinteiros.

Os três primeiros apresentavam várias contusões pelo corpo e ferimentos na cabeça, pelo que depois de devidamente pensados recolheram a suas casas; os três seguintes apresentavam fractura de crânio e lesões internas pelo que depois de operados pelo médico de serviço dr. sr. Amândio Pinto recolheram a sala de observação; os dois últimos apresentavam ferimentos na cabeça e contusões internas pelo que recolheram à sala de observação, sendo bastante grave o estado do Teles.

As conduções dos feridos para o hospital de São José fizeram-se em autocarros da Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha. Mais tarde foi resolvido hospitalizá-los no Futuro Monteiro Teles e José Ferreira dos Santos, em virtude de terem dificuldade em andar, tendo recolhido a casa simplesmente o Manuel Cabral.

Queda desastrosa

Na sala de observações do Banco do Hospital de São José deu entrada Eduardo dos Santos, pescador, residente na Ericelira e que ali deu uma queda, fracturando a perna direita com complicação de ferida.

Uma agradável rectificação

Noticiámos, por lapso, que na enfermaria de Sousa Martins, do hospital de São José, tinha falecido Francisco da Fonseca, porteiro da fábrica de produtos químicos na Póvoa de Santa Iria e que na referida fábrica foi agredido com uma facada, quando afinal o curado do sr. Francisco completamente curado dos seus sofrimentos, teve alta, devendo sair hoje daquele estabelecimento.

Pelo Instituto de Medicina Legal

No hospital de São José foi ontem reconhecido e identificado por sua mãe, Maria da Conceição Castilho, o cadáver daquele indivíduo encontrado caído e sem fôla na Calçada da Tapada, em 24 último, que veio a falecer horas depois na enfermaria de Sousa Martins. Chamava-se Jacinto Porfírio, de 23 anos, descarregado, natural de Lisboa e morador no Beco do Sabugueiro, 8, loja, em Alcântara.

Neste estabelecimento deu ontem entrada um indivíduo cuja identidade se desconhece e que foi encontrado a boiar à tona de água junto à doca de Santo Amaro.

Rendimentos dos operários

Há meses que um trago de operários, sob as ordens do engenheiro José Malagães, e mestre de obras Sales, anda reconstruindo, por conta do Estado, o antigo convento de Chelas onde há pouco tempo se manifestou um grande incêndio que quasi o destruiu, deixando por esse facto sem abrigo um grande número de senhoras, famílias de oficiais falecidos, que ali se abrigavam.

